

# OS SINAIS DE FOGO DE ARNALDO SARAIVA

O editor literário de “Jorge de Sena/ João Gaspar Simões – Correspondência 1943–1977” (recentemente editado pela Guerra & Paz) responde ao artigo que Arnaldo Saraiva publicou no “Atual” no passado dia 10 e defende os critérios que seguiu na organização da obra



Texto Filipe Delfim Santos

**E**m artigo publicado no Expresso de 10/8/2013, Arnaldo Saraiva retomou uma polémica de 1982 que ele parece querer perpetuar, adicionando-lhe a impugnação da minha edição da correspondência entre Jorge de Sena e João Gaspar Simões, onde diz que “percebe-se mal” o que aí faz o carteiro de Mécia de Sena com o segundo dos correspondentes.

Sou alheio à quezília com 30 anos, mas não posso deixar de defender o meu critério de inclusão da correspondência entre Mécia de Sena e Gaspar Simões na edição posta em causa, uma vez que: 1) ela é o prolongamento do diálogo entre os dois escritores, documentando a receção das resenhas gasparianas às edições da obra póstuma de Jorge de Sena (que constitui uma parte importantíssima da sua obra total) por parte da responsável por essas edições; 2) Mécia de Sena não é “outro Sena”, como acusa Arnaldo Saraiva, mas antes alguém que conseguiu realizar pela obra do esposo o que “pouquíssimas viúvas sequer sonharam fazer” pelas dos seus, como já foi dito; ela tornou-se ‘um caso’ da nossa literatura, como autora, editora e estudiosa por direito próprio, preparando e prefaciando edições, coligindo esparsos, solicitando cópias de cartas aos correspon-

dentos de Jorge de Sena e muito especialmente inaugurando as edições dos carteiros, que na sua maioria a ela se devem — mesmo certos volumes que ainda vão saindo algures foram por ela preparados ao longo de anos; 3) estas mesmas cartas comprovam, por exemplo, que foi ela quem primeiro idealizou e concebeu o livro agora publicado, solicitando para esse fim os textos em poder de Gaspar Simões; 4) em que outra edição diferente da publicação das cartas dos dois escritores poderiam ser incluídas essas anotações tão pessoais e tão humanas de uma antiga amizade, essas preciosas informações sobre a relação dos dois? Fazem aí muito mais sentido do que em uma eventual — e necessária — edição separada de todas as correspondências mecianas, com que o futuro certamente nos brindará e que trará novas luzes sobre o século XX literário português.

Nas minhas edições, tenho apresentado dossiês completos do relacionamento entre os correspondentes, adicionando documentos suplementares que permitam contextualizar as cartas principais. Arnaldo Saraiva parece não ser adepto da ‘história total’, mas foi seletivo no seu estranhamento face aos documentos coligidos: não pergunta o que faz ali a carta de Rui Knopfli, não estranha também a de George Monteiro, tampouco a que Mécia de Sena

João Gaspar Simões, assinalado à esq., e Jorge de Sena, assinalado ao centro, na tertúlia Ribeiro Couto em 1944

me dirigiu com informações valiosas sobre as relações entre as duas famílias Simões/Sena que só ela poderia prestar. Já sobre o facto de as cartas mecianas não trazerem “nenhuma luz relevante”, a prova que até revelam muito mais e escondem bastante menos do que as outras que figuram no livro é que de um simples parágrafo de uma dessas cartas na página 181 e de uma nota minha a essa mesma carta saíram três páginas inteiras de polémica no Expresso, proeza que toda a correspondência seniana junta não provocou jamais. Não será esta a medida bastante para se aquilatar a relevância histórica e biográfica dos testemunhos de Mécia de Sena?

Arnaldo Saraiva alude ao meu estudo introdutório à correspondência para criticar a omissão deliberada das “dedicácias” que Jorge de Sena compôs em deslavour do seu antigo patrono, verberando: “O leitor fica assim sem saber, por exemplo, que Sena chegou a nomear o famoso crítico como ‘Gaspões’, ou ‘Simar Gaspões’, e a rir-se dele por ser... cornudo.” Descontando a deselegância da sua expressão, é um facto que as “dedicácias” em causa, quer as que no-

meiam explicitamente Gaspar Simões, com ou sem alcunhas, quer as que a ele aludem sem o nomear, não foram publicadas — sem que, porém, os desloubros se tenham ocultado, dado estarem lá as entradas do “Diário” seniano, onde, pior do que as alcunhas referidas, o presencista é chamado “besta simónica” (pág. 101) e se confessa precisamente a hilaridade que ao autor de “Sinais de Fogo” causou a notícia de que ele (Gaspar Simões) fora abandonado sentimentalmente por certa escritora (pág. 102). O que teria bastado para um Arnaldo Saraiva mais justo e objetivo se abster de me acusar de eu ter escondido do leitor a que extremos chegou a “‘incorespondência’ entre os dois escritores” que ele exigia ver documentada.

Diz ainda o crítico, no ponto j), que “o anotador não me ouviu nem leu, bastou-lhe a claríssima versão de Mécia, que sempre soube encontrar delfins que nunca põem em causa o que ela diz e que dizem o que ela quer que seja dito”. Não sei se Arnaldo Saraiva é um “ex-delfim” de Mécia de Sena, sei é que ele, além de brincar com o meu nome, afirma que eu não o ouvi por servilismo, quando o não fiz porque usei uma formulação imparcial e objetiva: Mécia de Sena “aclara”, sob o ponto de vista dela, o que motivara as alegações de Arnaldo Saraiva; ora “aclara” não exclui a existência de outras versões, razão pela qual eu não usei expressões como “revela” ou “denuncia”, essas sim taxativas. Quanto ao meu suposto servilismo, nunca Mécia de Sena sugeriu, orientou, interferiu ou reviu qualquer das minhas edições de correspondências; jamais influenciou ou diminuiu a minha liberdade e responsabilidade editorial e autoral — aliás, conhece o meu trabalho quando recebe os livros já prontos. Não vejo como eu possa ser um “delfim” dela, se os houve ou há.

Também não aceito a acusação feita a Mécia de Sena, mas que obviamente me incluía, de tratar qualquer dos autores por mim editados como “se não um deus ou um santo pelo menos um super-herói”: quando Jorge de Sena afirmou que Gaspar Simões não tinha sequer citado o seu nome numa resenha de obra sua (no “Sol”, Lisboa, 30/8/1947, pág. 9), não deixei de assinalar que os factos contrariavam tal asserção (págs. 85-86); pus igualmente em relevo as contradições de Gaspar Simões sobre a sua proclamada independência face aos poderes de todos os regimes, incluindo o atual (pág. 191); dificilmente poderei ser culpado de propagar o culto de deuses e heróis. As cartas que constituem o meu material de trabalho são documentos radicalmente humanos, como humanas são as falhas e imperfeições de quem as escreveu.

Refere ainda Arnaldo Saraiva que a menção do seu trabalho de editor de “Sinais de Fogo” foi omitida por outrem. Deveria aqui fazer-me justiça, já que, talvez desnecessariamente, tive o cuidado de referir o seu labor editorial na controvertida nota da página 182, a fim de que o público ficasse ciente da competência com que Arnaldo Saraiva falava de Jorge de Sena, ou seja, na relevante qualidade de seu editor. Mas interrogo-me sobre a sua competência para editar correspondências, mesmo sabendo que o fez já, pois mostrou que ignora o facto de os direitos de publicação da carta de Mário Cesariny referi-

da em l) caberem certamente a Mécia de Sena e não aos herdeiros de quem a redigira.

Tenho publicadas mais de 500 cartas, a maioria delas nos últimos três anos: 277 da correspondência de Delfim Santos; 28 de Delfim Santos e família de António Ferro; 61 dos professores da Escola Jesuíta de Braga; 128 da correspondência brasileira de Delfim Santos; 29 da correspondência entre Delfim Santos e Jorge de Sena; bem como coletâneas pontuais de cartas de e para António Sérgio, André C. Rocha e Amorim de Carvalho; a que se somam as 31 no livro que tanto incomodou Arnaldo Saraiva; outras 100 cartas de José Régio e Eugénio Lisboa estão no prelo. Prezo a epistolografia como uma fonte inestimável de documentação histórica, tendo trabalhado textos datados entre 1925 e a atualidade, escritos por autores famosos e desconhecidos, cultos e comuns, portugueses e estrangeiros, desaparecidos e vivos, de situações e de oposições, de vanguardas e de reações, na sua maior parte comentados, anotados, estudados e indexados. Não pretendo ensinar o ilustre epistolólogo Arnaldo Saraiva, mas também acho que não tenho lições suas a receber neste campo e por isso não aceito que me diga quais as cartas que devo resumir “só em notas” ou omitir das minhas edições.

Arnaldo Saraiva apresenta-se no seu texto como alguém atraído “por margens e periferias”, mas é catedrático jubilado, ou seja, está no ‘centro’ desse mesmo *establishment* académico que repudiou Jorge de Sena e amesquinhou Gaspar Simões. Num estudo que escreveu sobre a crítica literária em Portugal (Porto, 1973 — como ele ressuscitou um conflito com 30 anos, seja-me permitido reexaminar um texto seu com 40) insiste em que a “Presença” (logo, Gaspar Simões) não somente não desenvolveu a crítica moderna como a “interrompeu” (pág. 66)! Considera Fernando Pessoa um crítico brilhante, mas ignora os elogios que este mesmo Pessoa fez ao talento crítico de Gaspar Simões (“De há muito que tenho uma alta opinião do seu talento em geral e das suas qualidades de crítico em particular”; “uso para consigo das palavras ‘admiração’ e ‘admirador’, que não costumo distribuir ao acaso” — carta de Pessoa a Gaspar Simões, 11/12/1931). E após fazer profissão de fé algo serôdia de sergismo, prossegue: “De modo que a um jovem de à volta dos anos 60 eram mais ou menos ‘escamoteados’ os nomes e as

**Nunca Mécia de Sena sugeriu, orientou, interferiu ou reviu qualquer das minhas edições de correspondências; jamais influenciou ou diminuiu a minha liberdade e responsabilidade editorial e autoral**

obras dos primeiros grandes críticos portugueses modernos. Em troca, que nomes e que obras se lhe propunham ou impunham? Entre outros, Amândio César, João Pedro de Andrade, Luís Forjaz Trigueiros, Nuno de Sampayo, Álvaro Salema, António Quadros, Tabora de Vasconcelos, João Palma-Ferreira, Armando Ventura Ferreira e João Gaspar Simões, que só não parecia ao mesmo nível a quem se fiasse no seu passado ou na sua maior insistência e persistência” (pág. 67). *Academicus dixit!* Arnaldo Saraiva finge ignorar que a “Presença” (como aliás Pessoa, hoje tão cooptado pelos universitários) sempre demonstrou o mais saudável desprezo pela instituição académica portuguesa e pelos seus catedráticos, jubilados ou não, que nas suas borlas, batinas e capelos, como dizia Gaspar Simões, mais pareciam “cauteleiros fardados” — instituição que gente próxima e menos próxima da “Presença” propunha mesmo que se extinguisse; veja-se Delfim Santos em 1934 na “Linha Geral da Nova Universidade” e, entre outros, os não-presencistas Agostinho da Silva e o próprio Jorge de Sena, que se declarou, como consta neste livro, “anti-Faculdade de Letras”.

Arnaldo Saraiva não quis entender que não foi necessário que “Enfin, Edouard vint”, como ele aí afirmou, a não ser para afastar a crítica do leitor comum, desautorizando todas as leituras extra-académicas e aprisionando-a num discurso nebuloso, esdrúxulo e mordente da própria cauda. Amândio César, João Pedro de Andrade, Luís Forjaz Trigueiros, Nuno de Sampayo, Álvaro Salema, António Quadros, Tabora de Vasconcelos, João Palma-Ferreira, Armando Ventura Ferreira e João Gaspar Simões (este último a um nível superior, não só pela persistência mas também pela consistente doutrina e capacidade de atingir a mais vasta audiência) — a que poderíamos acrescentar ainda o próprio José Régio, além de Jaime Brasil, António Ramos de Almeida, João José Cochofel e Luís Silveira, entre tantíssimos outros — escreviam crítica para o grande público, que, por vezes com preparação liceal apenas, era leitor interessado de livros, das páginas literárias dos jornais de grande circulação, das revistas de poesia e de cultura, ou ouvinte de programas radiofónicos sobre literatura, e não para a sala de aulas ou para os colegas da universidade em pomposas revistas académicas. Só haverá diversidade e pluralidade no panorama da crítica desde que o discurso hegemónico e monopolista da instituição universitária não insista em desvalorizar e em silenciar as vozes daqueles a quem chamou “subjettivistas” ou “intuicionistas”, dos outros a quem humilhou como “autodidatas” e dos demais fruidores e comentadores livres das nossas letras.

Não é de todo verdade que, como aí afirma Arnaldo Saraiva, “todo o crítico tem de ser professor de literatura”. Verdade sim é o que ele reconheceu algumas linhas abaixo: “Entregue a universitários, a crítica corre vários riscos. Um deles é o divórcio das nossas realidades, desviando-se ela para outras que julga conhecer melhor ou que inventa.” O que foi, afinal, aquilo que o universitário Arnaldo Saraiva comprovou eloquentemente nesta sua crítica ao meu livro. **A**